

## **Sobre a Natureza Humana**

*J. Roberto Whitaker Penteadó*

Estou começando a percorrer essa obra extraordinária, lançada recentemente no Brasil pela editora Paz e Terra: Um Estudo Crítico de História, de Helio Jaguaribe, que me presenteou um amigo. Afinal, 2 volumes, mais de 1200 páginas, certamente não é leitura leve, nem muito menos ligeira.

Mas o aparecimento desse livro escrito por um brasileiro é uma surpresa muitíssimo agradável nesses dias de tristezas chocantes, como a morte do Comandante Rolim e das outras tristezas mais cotidianas - e nem por isso menos profundas - de ordem econômica, social, política e até esportiva.

Jaguaribe ousou fazer o que fizeram poucos, antes dele, os mais famosos sendo o alemão Alfred Weber, com uma História da Cultura e o inglês Arnold Toynbee, com o seu monumental e controvertido Um Estudo de História, em 20 alentados volumes.

Com modéstia, Jaguaribe explica, na introdução, que o seu trabalho - iniciado em 1994 e patrocinado pelas Nações Unidas - pode ter o mérito de ter sido o primeiro, talvez o único, a empreender o exame crítico de toda a história da humanidade - desde o aparecimento do primeiro australopiteco, há um milhão de anos - a ser empreendido por um cidadão do Terceiro Mundo. Nas palavras de HJ, "da perspectiva de um país na periferia da civilização ocidental", como o Brasil.

A parte as dificuldades - como ter de escrever todo o texto em inglês, já que era o idioma da competência de toda a equipe que a ONU colocou à sua disposição - o cientista social aponta uma vantagem - na minha opinião importantíssima: "a ausência de paroquialismo e preconceitos culturais" dos pesquisadores do Primeiro Mundo, que sempre se concentram em suas próprias e exclusivistas bibliografias.

O Estudo Crítico teve de ser traduzido para o português, país onde é publicada a primeira edição mundial.

Mas antes que os leitores desse Caderno Gerência pensem que a editoria se enganou de texto e está publicando uma resenha literária, quero trazer o livro de HJ para o nosso tema: administração.

O capítulo final é o das conclusões. A que nos interessa é a primeira e a mais importante:

As análises comparativas realizadas no estudo da pré-história e das 16 civilizações selecionadas, da mesopotâmica à atual, proporcionam evidência empírica do fato de que a natureza humana permaneceu a mesma, desde o surgimento do Homo sapiens sapiens, enquanto a condição humana experimentou uma ampla variação (...) (Grifo do autor)

Nessa frase, duas coisas fundamentais. Primeiro, a distinção entre natureza e condição humanas. Entenda-se natureza, como os fatores internos do ser humano, da pele para dentro. E as condições, como o ambiente, os fatores externos, da pele para fora. E, segundo, a conclusão de que o ser humano não muda, sejam quais forem os ambientes (condições) em que viva.

A variação a que se refere o professor HJ vai do Paleolítico à Civilização Tecnológica. A que deixa a nós, administradores e executivos, perplexos, não cobre mais do que um par de décadas, digamos, as modificações que ocorreram no ambiente externo (grifo meu) entre 1981 e 2001. Uma gotinha insignificante no oceano da História.

Essa é, contudo, uma reflexão que faz bem. Nunca canso de dizer a meus alunos de marketing, que não devem fazer caso de modismos. Os conceitos básicos sobre as necessidades e os desejos humanos permanecem quase imutáveis. (Agora, que lí o professor

Jaguaribe, passarei a dizer que são imutáveis). O que requer estudo e permanente atualização é a dinâmica dos fatores externos: culturais, econômicos, políticos...

E isso vale, também, e muito, para os idólatras da tecnologia, em especial os mais exaltados, que veem, com a Internet, a chegada do novo messias. Recomendando que leiam Heli Jaguaribe, observaria: ainda que sejam centenas de milhões, as pessoas on-line, no fundo, no fundo, não passam de criaturas da mesmíssima natureza dos seres humanos que caminhavam no planeta 120 mil anos atrás.

PENTEADO, J. Roberto Whitaker. Sobre a Natureza Humana. **JRWP - J. Roberto Whitaker Penteado**, Rio de Janeiro, jul. 2001. Disponível em <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=480&ID=55>>. Acesso em: 30 mar. 2010.

A utilização deste artigo é exclusiva para fins educacionais